

Adolescentes Filhos de Dependentes Químicos Abstinentes: Como se Relacionam com Álcool?

Teenagers Children of Abstinent Chemical Dependents: How do They Relate to Alcohol?

Adolescentes Hijos de Dependientes Químicos Abstinentes: ¿Cómo se Relacionan con el Alcohol?

Andréia Arend Podolano(1); Clarisse Pereira Mosmann(2); Denise Falcke(3)

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS, Brasil.

E-mail: andreiapodolano@cefipoa.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4889-558X>

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS, Brasil.

E-mail: clarissepm@unisinis.br | <https://orcid.org/0000-0002-9275-1105>

3 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS, Brasil.

E-mail: dfalcke@unisinis.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4653-1216>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 12, n. 1, p. 68-86, Janeiro-Junho, 2020 - ISSN 2175-5027

[Submetido: Maio 10, 2019; Revisão1: Maio 31, 2019; Revisão2: Julho 16, 2019;

Aceito: Julho 31, 2019; Publicado: Dezembro 20, 2019]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i1.3315>

Endereço correspondente / Correspondence address

Andréia Arend Podolano

R. Carlos Trein Filho, 34 - Auxiliadora,

Porto Alegre - RS, Brasil.

CEP 90450-120

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Jean Von Hohendorff

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui! / click here!](#)

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender a percepção de adolescentes sobre o consumo de álcool em suas famílias, nas quais pelo menos um dos pais fosse dependente químico em abstinência. Foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória, com base no paradigma sistêmico. Foram entrevistados quatro adolescentes utilizando-se questionário de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada, entrevista de dilemas e AUDIT-C. Na análise de conteúdo foram identificadas quatro categorias temáticas: (1) história e contexto familiar de abuso de substâncias e abstinência (2) fatores de proteção para o não uso de álcool por adolescentes, (3) fatores de risco para o uso de álcool por adolescentes e (4) contradições e ambivalências dos adolescentes quanto ao uso de álcool. Todos os adolescentes entrevistados tinham conhecimento da história dos pais quanto à dependência química e abstinência, o que os levou a evitar o uso de álcool. Porém, em um dos casos, o grupo de pares e as questões transgeracionais se apresentaram como fatores de risco. Na entrevista de dilemas, os participantes demonstraram ambivalência quanto ao uso de álcool. Destaca-se a necessidade de atenção aos fatores transgeracionais envolvidos no abuso e dependência do álcool.

Palavras-chave: adolescente, pais, relações familiares, transtornos relacionados ao uso de substâncias

Abstract

The aim of this study was to understand the perception of adolescents about alcohol consumption in families, in which at least one parent is a chemical dependent on abstinence. A qualitative exploratory research, based on the systemic paradigm was conducted. Four adolescents were interviewed using sociodemographic data questionnaire, semi-structured interview, Dilemmas interview and AUDIT-C. In the content analysis, four thematic categories were identified: (1) History and family context of substance abuse and abstinence (2) protection factors for the non-use of alcohol by adolescents, (3) Risk factors for the use of alcohol by Adolescents and (4) contradictions and ambivalence of adolescents regarding the use of alcohol. All adolescents interviewed had knowledge of the parent's history regarding the chemical dependence and abstinence, which led them to avoid alcohol use. However, in one of the cases, the peer group and the transgenerational questions presented themselves as a risk factor. In the interview of dilemmas, the participants demonstrated ambivalence regarding the use of alcohol. We highlight the need of attention about the transgenerational factors involved in alcohol abuse and dependence.

Keywords: adolescent, parents, family relations, substance-related disorders

Resumen

El objetivo del estudio fue comprender la percepción de adolescentes sobre el consumo de alcohol en familias, en que por lo menos uno de los padres sea dependiente químico en abstinencia. Fue realizada una investigación cualitativa exploratoria, basada en el paradigma sistémico. Se entrevistaron a cuatro adolescentes con cuestionario de datos sociodemográficos, entrevista semiestructurada y de dilemas y AUDIT-C. En el análisis de contenido se identificaron cuatro categorías temáticas: (1) la historia y los antecedentes familiares de abuso de sustancias y abstinencia (2) factores de protección para no consumir alcohol por

los adolescentes, (3) factores de riesgo para el consumo de alcohol por adolescentes, (4) contradicciones y ambivalencias en lo que se refiere al uso del alcohol. Todos los adolescentes tenían conocimiento de la historia de los padres de abuso de sustancias y abstinencia, o cuál les llevó a evitar el consumo de alcohol. Sin embargo, en uno de los casos el grupo de pares y las cuestiones transgeneracionales se presentaron como factores de riesgo. En la entrevista de dilemas, los participantes mostraron ambivalencia en cuanto al uso de alcohol. Se destaca la necesidad de atención acerca de los factores transgeneracionales involucrados en la dependencia del alcohol.

Palabras clave: adolescente, padres, relaciones familiares, trastornos relacionados con sustancias

A dependência química foi reconhecida como uma patologia pela Organização Mundial da Saúde (2017) em meados dos anos 60, caracterizada pela compulsão de consumir substâncias psicoativas, obter a experimentação de seu efeito e evitar o desconforto de sua abstinência (Prata & Santos, 2009). Desde então, tem sido considerada como uma doença biopsicossocial influenciada pela predisposição genética, vulnerabilidades psicológicas, de personalidade e inabilidades de lidar com dificuldades, tendo relação direta com o meio no qual o indivíduo está inserido, como a sua família (Coelho & Oliveira, 2014). O primeiro espaço de socialização do indivíduo geralmente é a família e, segundo o princípio de globalidade, as modificações em cada membro desse sistema interferem no todo e em cada parte, indicando que, além de ser afetada pelo uso de substâncias, a família pode igualmente colaborar para seu uso (Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014).

Considerando a dinâmica familiar, existem fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da dependência química. Dentre os fatores de risco estão: pais e irmãos mais velhos que fazem uso de substâncias, disfunção familiar, falta da participação dos pais na convivência com os filhos, falta ou ambiguidades com relação a regras e limites e violência doméstica. Quanto a aspectos individuais, destacam-se: falta de habilidades e autocontrole, baixa autoestima, predisposição biológica e psicológica, dificuldades e fracasso escolar, agressividade, roubos, mentiras, transtornos de conduta e falta de um sistema de crenças positivas e espiritualidade (McLaughlin, Campbell, & McColgan, 2016).

Os fatores protetivos incluem os altos níveis de acolhimento familiar, regras claras e firmes, participação dos filhos em relação às responsabilidades familiares, sustentação emocional e senso de confiança. Características individuais protetivas apontam a alta autoestima, habilidades na resolução de problemas, competência sócio emocional, vínculos com instituições sociais e senso de autonomia (Diehl & Figlie, 2014).

Existem vários estudos em relação à dinâmica familiar do dependente químico, envolvendo a identificação de fatores preditivos e protetivos (Cardoso & Malberger, 2014; Caetano, Laranjeira, Pinsky, & Zaleski, 2007; Payá, 2017; Prata & Santos, 2009), assim como avaliando seus impactos ao longo do ciclo vital. A adolescência é entendida como um momento crucial em que os modelos transgeracionais familiares são questionados (Diehl & Figlie, 2014) e o adolescente utiliza-se da experimentação como forma de testar seus próprios limites e reconhecer-se como sujeito autônomo.

Segundo dados da OMS e da Sociedade Brasileira de Pediatria (2017), o consumo de álcool entre adolescentes de 12 a 18 anos é de 60,5%, sendo que a maioria bebe entre familiares e amigos. Além disso, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), houve aumento do consumo de bebidas alcoólicas entre alunos do 9º do ensino fundamental: em 2015 mais da metade dos entrevistados relatou ter tomado ao menos uma dose de bebida alcoólica, 55% do total, comparados com

50,3% em 2012, sendo que, a cada cinco alunos, um relatou episódio de embriaguez nos últimos 30 dias.

Nessa fase do ciclo vital, o que os pais dizem não parece ser o suficiente, sendo que a perda do espaço das influências parentais dá lugar aos grupos de pares. De acordo com estudo de Mrug e McCay (2013), os pares podem reforçar o uso de álcool no início da adolescência e serem mais continentemente no final desse ciclo, quando a desaprovação dos pais tende a diminuir e se tornar mais normativa. Minuchin (1982) refere que a possibilidade de os filhos desenvolverem comportamentos antissociais está diretamente relacionada à dificuldade das relações familiares. Reforça essa ideia o estudo de Vasters e Pillon (2011), realizado com quatorze adolescentes, a maioria do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos, em Centro de Atenção Psicossocial para álcool e drogas II (CAPS-ad) no interior paulista, ao salientar que o uso de drogas pode se acentuar durante a adolescência e ser expresso em questões e condutas amotivacionais para os estudos, descumprimento de regras, afastamento das relações familiares, além de comportamento antissocial.

Em estudo longitudinal com 499 adolescentes entre 16 e 18 anos, em 70 escolas dos EUA, que avaliou a influência dos pais e a probabilidade de os filhos fazerem uso de álcool e se envolverem em delitos, os resultados indicaram que o baixo monitoramento dos pais, falta de afeto e o consumo de álcool destes aumentam a incidência de consumo dos filhos. Por outro lado, monitoramento parental, afeto e favorecimento da autonomia podem contribuir para o baixo consumo de álcool e até mesmo abstinência dos adolescentes (Donaldson, Handren, & Crano, 2016). O beber dos pais, nesse sentido, é preditivo, tanto do início precoce, quanto do abuso de álcool pelos filhos, salientando-se a importância de educar os pais sobre o próprio uso (Alati et al., 2014). Sabe-se, também que filhos de alcoolistas têm maior risco de desenvolver dependência química, além de maiores chances de depressão, ansiedade, transtornos de conduta e fobia social (Diehl & Figlie, 2014).

Uma pesquisa comparativa entre 140 famílias de adolescentes que consomem e que não consomem álcool, realizada no México, destaca como resultados preditivos de não uso de álcool pelos filhos: pais que não consomem álcool, a interação e manifestação de emoções em ambiente familiar que permita comunicação, clareza e limites. Além disso, evidencia que a relação entre dependentes químicos e seus filhos é, muitas vezes, permeada pela baixa expectativa em relação a eles e pela ausência de intimidade (Cortés, Méndez, & Aragon, 2015). Outro estudo realizado com 259 adolescentes, com idades entre 15 e 22 anos, estudantes do ensino médio e residentes na Coreia do Sul, verificou que 70% dos entrevistados já haviam usado álcool, 29% fumado tabaco e 10% referiram ter usado outras drogas. Destes, 41,3% preenchiam critérios para o risco de abuso de substâncias. A influência do apoio social dos pais foi positiva para evitar o risco de abuso de substâncias, mesmo com um dos pais alcoolistas (Park

& Kim, 2009). Ainda, estudo qualitativo com cinco adolescentes entre 12 e 15 anos, realizado em Porto Alegre, verificou, através de grupos focais, que a percepção dos adolescentes acerca do consumo de álcool estava diretamente relacionada aos hábitos familiares (Pereira et al., 2011).

De acordo com as pesquisas citadas (Cortés et al., 2015; Donaldson et al., 2016; Park & Kim, 2009; Pereira et al., 2011), verifica-se a importância do contexto familiar e de suas interações com os filhos, tanto como fator de contribuição, quanto de prevenção ao uso de álcool. Pode-se, nesse sentido, pensar na perspectiva transgeracional como padrões de relacionamento familiares que são repassados de uma geração a outra. Nesse processo, são apreendidos padrões de comportamento dentro de um determinado sistema familiar (Baptista, Cardoso, & Gomes, 2012; Carter & McGoldrick, 2011). De acordo com Falcke e Wagner (2014), as vivências marcadas pelas figuras familiares influenciam nas percepções e escolhas de cada indivíduo, além de serem permeadas pela cultura, a moral e os valores de cada geração. O que difere é a intensidade com que cada um registra esse processo. No mesmo sentido, a transgeracionalidade e os padrões repetitivos estabelecidos pelas famílias dependentes químicas parece consenso para os profissionais que atuam na área (Falcke & Wagner, 2014; Payá, 2010; Penso & Costa, 2008; Schenker & Minayo, 2005).

O uso de álcool pode apresentar-se como um fator negativo transmitido de uma geração a outra, havendo evidências científicas significativas sobre as consequências do uso de substâncias por pais dependentes químicos em termos de exposição, experimentação, uso/abuso por parte dos filhos adolescentes (Krestan & Bepko, 1995; Payá, 2017). No caso de pais dependentes químicos em recuperação, a família pode ser aliada na busca por tratamento, apoiando e influenciando na recuperação e na manutenção da abstinência. O processo de eliminação de qualquer conduta aditiva é entendido como abstinência, no entanto o desejo de usar a substâncias poderá permanecer durante todo o período de recuperação. Pesquisa qualitativa de análise temática, realizada no estado de São Paulo, com 50 pacientes internados considera a experiência de abstinência um esforço do dependente químico em assumir sua doença, evitando contextos que reforcem a manutenção desta (Favaro & de Paula, 2012), o que pode incluir o ambiente familiar. O apoio social e os sentimentos positivos configuram-se como benefícios da abstinência (Fernandes, Dolejal, Silva, Ferigolo, & Barros, 2015).

Pode-se inferir que, da mesma maneira que o alcoolismo dos pais pode repercutir nas condutas dos filhos adolescentes, também a abstinência dos genitores possa ter algum impacto na vida dos filhos. Não foram encontradas pesquisas sobre a repercussão que a dependência química de pais em abstinência pode ter no uso de álcool por filhos adolescentes, que se constitui como uma importante lacuna na literatura. Por isso, o objetivo neste estudo foi compreender a percepção de adolescentes sobre o consumo de álcool em famílias em que pelo menos um dos pais é dependente químico em abstinência.

Método

Trata-se de um estudo de natureza exploratória, de abordagem qualitativa (Gil, 2007). O paradigma sistêmico embasou a leitura do contexto focando nas questões referentes às relações no escopo familiar. O Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ) foi utilizado como critério para a descrição dos dados do estudo.

Participantes.

Foram entrevistados quatro adolescentes com idade entre 16 e 18 anos. Os critérios de inclusão foram ser adolescente, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera adolescência o período compreendido entre 12 e 18 anos de idade, e ter pelo menos um dos pais/responsáveis dependentes químicos em abstinência por um período mínimo de três anos. O critério de exclusão foi o não preenchimento completo dos instrumentos, o que não ocorreu. A Tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes.

Instrumentos.

Utilizou-se para coleta de dados questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada, entrevista de dilemas e AUDIT-C. No questionário sociodemográfico, foram coletados os dados de identificação, composição familiar, história da família e hábitos familiares referentes ao uso de substância psicoativa.

A entrevista semiestruturada, elaborada pela primeira autora para o presente estudo, buscou compreender a relação do adolescente com o álcool, quanto à exposição, à percepção da experiência familiar nesse contexto e as consequências para vida deles. A entrevista de dilemas abordou os mesmos tópicos da entrevista semiestruturada, mas sem envolver a experiência direta do adolescente. Foram apresentadas quatro histórias com personagens fictícios, elaboradas pela primeira autora para o presente estudo, para que o adolescente pudesse criar a continuidade das mesmas ou responder as perguntas específicas sobre o que aconteceria na situação. Os dilemas abordaram situações de festas, aniversários, idades de experimentação de álcool, oferecimento de bebida por amigos, embriaguez e preocupação dos pais sobre uso de álcool.

O instrumento *Alcohol Use Disorder Identification Test- AUDIT- C* (versão reduzida) é composto por três perguntas para levantamento, avaliação e classificação do hábito de consumo de bebidas alcóolicas no último ano (validado no Brasil por Moretti-Pires & Corradi-Webster, 2011). Cada pergunta tem cinco opções de resposta, com pontuação de 0 a 4 e o somatório final varia entre 0 a 12 pontos. Para o sexo masculino, a pontuação de 0 a 3 é considerada de baixo risco, 4 a 5 risco moderado, 6 a 7 alto risco e 8 a 12 risco severo. Enquanto, para o sexo feminino, de 0 a 2 pontos é considerado de baixo risco, 3 a 5 risco moderado, 6 a 7 alto risco e 8 a 12 risco severo.

Tabela 1. Caracterização dos Participantes

	Participante I	Participante II	Participante III	Participante IV	
Sexo	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	
Idade	16	18	18	16	
Escolaridade	2º ano ensino médio	Cursando ensino superior	Cursando ensino superior	1º ano ensino médio	
Reside com	Pais	Mãe	Mãe e irmã	Mãe e irmão	
Resultado do AUDIT- C	0 pontos (baixo risco)	5 pontos (risco moderado)	2 pontos (baixo risco)	0 pontos (baixo risco)	
Pai	Idade	65	56	60	55
	Estado Civil	Casado	Divorciado	Solteiro	Separado
	Escolaridade	Técnico	Superior incompleto	Superior incompleto	Superior completo
	Substância	Álcool, maconha, cocaína, crack	Álcool, tabaco, maconha	Álcool, maconha, cocaína	Álcool, tabaco, maconha, cocaína, ecstasy, alucinógenos
	Abstinência	11 anos	26 anos	21 anos	20 anos
Mãe	Idade	58	41	44	50
	Estado civil	Casada	Divorciada	Solteira (Namorando)	Separada
	Escolaridade	Ensino médio completo	Mestrado	Superior completo	Superior incompleto
	Substância	Não é dependente química	Álcool, tabaco, maconha	Álcool, tabaco, maconha, cocaína	Álcool, tabaco, benzo
	Abstinência		25 anos	20 anos	20 anos

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados.

O presente estudo foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e aprovado, sob parecer 2.550.676/2018. Todas as diretrizes e recomendações éticas envolvendo estudos com seres humanos foram observadas, de acordo com a Resolução 510/ 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Após Carta de Anuência da Instituição, os participantes foram selecionados por conveniência, por meio de divulgação do estudo na instituição onde a primeira autora/pesquisadora trabalha com o objetivo de ter indicações, por parte dos profissionais que atendem indivíduos dependentes químicos, de potenciais participantes para a pesquisa. Foram recebidas nove indicações que atenderam aos critérios de inclusão. Considerando que os participantes do estudo são adolescentes, foi realizado contato telefônico com os pais, solicitando autorização formal para que os mesmos participassem da pesquisa de mestrado da primeira autora. Das indicações, seis pais concordaram por telefone e, posteriormente, assinaram o TCLE, que foi entregue pelo adolescente na entrevista. Foi agendado um horário com o adolescente para realizar o *rapport*, explicando os objetivos do estudo e o convidando a participar da pesquisa. Com a concordância, o adolescente assinou o termo de assentimento. Foi realizado, pela primeira autora, o preenchimento da ficha de dados sociodemográficos e do questionário sobre uso de álcool, entrevista de dilemas e entrevista semiestruturada, todos presencialmente.

O procedimento durou aproximadamente uma hora e trinta minutos e aconteceu em um único encontro no consultório particular da pesquisadora, com a presença somente dela e do adolescente. Quatro concluíram a participação e dois adolescentes não compareceram na data e horários agendados. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra para análise, não tendo sido remetidas aos participantes e nem utilizado diário de campo, pois todos os dados foram explicitados na entrevista. Para preservar o sigilo e a identidade dos entrevistados, na apresentação dos resultados foi utilizada a letra 'P' seguida de um número que corresponde a ordem sucessiva de entrevistados (P1, P2, P3, P4). A devolução dos achados aos participantes ocorreu via retorno telefônico e será disponibilizado o acesso às publicações derivadas do estudo.

Foi realizada análise de conteúdo (Bardin, 2011), com base na perspectiva teórica sistêmica. A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, acrescida da inferência de conhecimento relativos às condições de produção. Inferência significa conferir ao método relevância teórica, não somente produzir suposições subliminares sobre determinada mensagem, mas referendá-las teoricamente (Campos, 2004).

Pode-se referir que o método de análise de conteúdo é constituído pelas fronteiras da linguística tradicional e da interpretação do sentido da palavra. De acordo com Campos (2004), esse método pode ser dividido nas seguintes fases: Pré-exploração do material - leitura flutuante que permite contato com os dados coletados a serem analisados; seleção das unidades de análise- responder as questões da pesquisa, através de palavras, sentenças, frases, parágrafos ou textos de entrevistas, processo de categorização e sub- categorização. Foi utilizada a categorização não apriorística, com base nas respostas dos sujeitos e dos objetivos da pesquisa. A categorização foi realizada pela primeira e última autoras, sem utilização de software. Caso houvesse discrepâncias, um terceiro juiz seria acionado, o que não aconteceu.

Resultados e Discussão

A caracterização dos participantes apresentada na Tabela 1 evidencia que os adolescentes residiam com algum membro da sua família, somente a mãe de um deles não era dependente química, enquanto os demais genitores fizeram uso de diferentes substâncias, mas estavam abstinentes há bastante tempo (mais de 10 anos). Além disso, três adolescentes apresentaram risco baixo de abuso de substâncias e um apresentou risco moderado. Esses dados demonstram um histórico familiar de dependência química, com risco de perpetuação transgeracional (Baptista, Cardoso & Gomes, 2012; Carter & McGoldrick, 2011; Falcke & Wagner, 2014) em um dos participantes, considerando o uso no último ano medido pelo AUDIT-C.

Por meio da análise de conteúdo foram identificadas quatro categorias temáticas. Cada uma das categorias será descrita na sequência, apresentando sua conceituação, excertos das falas dos participantes e a discussão dos dados.

História e contexto familiar de abuso de substâncias e abstinência.

Essa primeira categoria agrupou os conteúdos sobre o histórico de dependência química dos pais relatado pelos adolescentes e sobre a etapa de abstinência que vivenciam. Evidenciou-se que todos os adolescentes entrevistados tinham conhecimento da história dos pais quanto à dependência química deles, como pode-se perceber nos relatos:

O meu pai usava bastante a droga. Ele começou fumando quando ele tinha 13 anos e daí ele conta que foi agravando, que ele foi querendo mais e foi querendo experimentar outras coisas. Chegou um momento que ele comprava e que ele traficava pra poder pagar o que ele comprava, sabe? (P1)

O meu pai, ele começou quando ele saiu do exército, que foi pelos 19/20 por aí, com a maconha, depois não foi o suficiente, depois eles se sentiram com vontade de sensações melhores e maiores, enfim mais duradouras e daí eles partiram para drogas mais fortes. (P2)

Desde quando eu sei que sou gente, eu conheço que os meus pais usaram droga, entendeu? Não lembro de uma época em que eu não sabia que os meus pais usaram droga. Eles tinham muita coisa boa, e pronto. De uma hora pra outra estavam no fundo do poço. (P4)

Conhecer a história da família é conhecer sua própria história, tomando consciência de suas fragilidades e potencialidades. A família é considerada um sistema que viabiliza a construção de elos emocionais a partir do compartilhamento das crenças, dos valores e da própria história de cada indivíduo nela inserido (Minuchin & Fishman, 1990). Nesse sentido, os adolescentes mostraram-se apropriados da trajetória familiar em relação às drogas. Um adolescente ficou em dúvida sobre o uso dos pais e ligou durante a entrevista questionando-os. A mãe retornou posteriormente agradecendo pelo fato de, a partir da entrevista, terem tido a oportunidade de conversar mais sobre o assunto e falar do risco que representa para o filho.

Os adolescentes destacam, em suas falas, os prejuízos na vida dos genitores em decorrência do abuso de substâncias, como se observa nas falas:

Eu sei que eles tiveram um bom tempo de uso e isso atrapalhou bastante a vida deles em vários aspectos, tanto familiar como nos estudos, isso acabou prejudicando bastante. [. . .] A minha mãe conseguiu estudar, se formar, construir uma família. Meu pai basicamente as mesmas coisas, não chegou a se formar justamente por um dos fatores que foi isso, o uso que acabou atrapalhando essa etapa da vida dele. (P4)

Ele (o pai) chegou a morar na rua, daí ele foi internado, fugiu da internação, voltou para ser internado de novo. E minha mãe foi parecido, até que eles foram para o N.A. (P2)

Quanto à abstinência dos pais, os relatos indicam que o fato destes não estarem fazendo uso leva os filhos a também não utilizarem, como se observa na fala do P3:

Se os pais usam com frequência acabam influenciando os filhos a quererem experimentar também e, ao contrário, se os pais já tiveram um problema e não usam mais podem ajudar a conscientizar o filho da importância de ter cuidado. (P3)

Eu peguei isso, a experiência que os meus pais me passaram foram essas, entendeu? Foi o legado deles, coisa que eles mais me marcaram em mim, [...] a mais forte foi essa coisa de “Não! Não use, faz mal, tenha cuidado”, é isso! (P4)

Os dados obtidos revelam conhecimento da história familiar, reconhecimento dos prejuízos que podem ser causados pelas drogas e a influência que o comportamento dos pais exerce sobre os filhos, tanto com relação à dependência quanto à abstinência. Nesse sentido, reconhece-se o fenômeno da transgeracionalidade descrito na literatura (Baptista et al., 2012; Carter & McGoldrick, 2011; Falcke & Wagner, 2005), exercendo influências positivas e negativas na vivência dos filhos (Cortés et al., 2015; Donaldson et al., 2016; Park & Kim, 2009; Pereira et al., 2011).

Fatores de proteção para o não uso de álcool por adolescentes.

Nessa categoria, são apresentados aspectos considerados protetivos quanto ao uso de álcool pelos adolescentes, a partir do entendimento de que famílias com filhos adolescentes passam por modificações, precisando substituir os vínculos infantis por vínculos mais maduros e independentes, tendo em vista que os filhos buscam por mais autonomia e independência nessa fase. A vulnerabilidade desse período é proporcional à necessidade de adaptação da família ao processo de individuação (diferenciação) do adolescente (Diehl & Figlie, 2014). A forma como os pais lidam com essa característica, exigida pelo ciclo vital da adolescência, é de extrema relevância para adaptação à nova fase.

Os relatos dos adolescentes evidenciam a escolha por não usar drogas a partir das situações familiares difíceis relacionadas ao uso abusivo:

Eu sei que é uma coisa que eu não quero pra mim, porque eu sei o quanto é difícil, eu vi o quanto é difícil (a menina se emociona e chora). Não só quando é um familiar que tenta ajudar, como também tentar sair do buraco que a gente criou. E eu não quero isso pra mim, nem pra minha família. É isso... (P1)

Eu não uso drogas, meu pai e minha mãe usaram. Então eles sempre falaram “olha, tu tens muita chance de ficar viciado muito fácil, muito fácil”. Porque isso tá no meu DNA, já vem essa coisa viciante. Então, eu posso ficar viciado até em sorvete, bala, sei eu, ... sabe? Então eu sempre tive um cuidado sobre isso. Toda vez que eu começava a gostar muito de alguma coisa, comprando ou sempre pedindo alguma coisa, eu chegava e parava. Não, mesmo que eu adore essa coisa, eu quero muito ela, eu não vou comprar, ou não vou ter, entende? Eu acho que foi isso que influenciou, no caso. (P4)

O suporte familiar, a comunicação de normas claras, o senso de confiança e a responsabilidade dos pais quanto ao que transmitem como modelo para os filhos são considerados fatores de proteção. Orientar através da vivência e da comunicação assertiva e não de imposições parece ser o melhor caminho. A comunicação entre pais e filhos assume papel fundamental na prevenção de comportamentos de risco, entre eles o uso de drogas (LaBrie, Boyle, & Napper, 2015). Além disso, há evidências científicas significativas sobre os riscos e consequências do uso de substâncias por pais dependentes químicos em termos de exposição, experimentação, uso/abuso por parte dos filhos adolescentes (Payá, 2017).

Quanto às características individuais protetivas, têm-se as habilidades na resolução de problemas, competência sócio emocional, vínculos com instituições sociais e senso de autonomia (Diehl & Figlie, 2014). Quando, na entrevista semiestruturada, foram questionados sobre o que faz com que algumas pessoas nunca tenham usado drogas surgem respostas que condizem com a literatura:

Acho que a vontade própria, talvez baseado nos ensinamentos dos pais que frisam bastante a importância de ter cuidado com as drogas e com... Talvez a pessoa não frequente tanto lugares propícios para uso, pode ser isso talvez. (P3)

Atividades extracurriculares, tipo, como eu tô fazendo curso de inglês, ou fazer algum esporte... ou, estudar algum instrumento, ou qualquer coisa assim. Incluir... se incluir em um grupo, sabe? E que não precise ficar pensando nesse tipo de coisa. (P1)

De acordo com Coelho e Oliveira (2014), essa doença biopsicossocial tem relação direta com o meio no qual o indivíduo está inserido. Então o não uso pelos pais devido a problemas com substâncias psicoativas poderia contribuir para modificar a percepção dos adolescentes, assim como, regras e limites claros por parte dos pais.

Fatores de risco quanto ao uso de álcool por adolescentes.

Nessa categoria são apresentados e discutidos fatores de risco para o uso de substâncias relatados pelos adolescentes. Os participantes referiram que a influência dos pares e questões transgeracionais são aspectos importantes. Em relação às questões transgeracionais, observa-se que elas se expressam de duas formas. Em três casos, a experiência dos pais foi apontada como motivadora para a não aproximação com a droga, como discutido nos fatores de proteção. Mas em um deles, como podemos identificar no relato a seguir, apresentou-se como fator de risco.

Principalmente pela minha relação com a droga, eu passei 12/14 anos ouvindo que não era para eu usar e, quando eu usei, por exemplo, o meu pai chegou a comentar de me internar. Com menos de um ano de uso, eu podia muito bem falar, tá bem eu vou parar de usar, mas eu não parei de usar, porque eu queria mostrar para eles que aquele não era um problema que tava me afetando, que poderia ser um problema que afetou eles, na experiência que eles tiveram com a droga. [. . .] Por isso que eu falo pro pai e pra mãe que eles não precisavam se preocupar porque a experiência deles é uma e a minha experiência é outra, entendeu? Tanto que eu falo pra eles “ó, um ano e oito meses eu tô usando e eu não tenho vontade de usar drogas mais fortes, eu só continuo na mesma droga” e isso foi uma coisa que não aconteceu com eles. Eu falo pra eles “ó, isso foi uma coisa que não aconteceu com vocês, vocês já partiram pra outras drogas e eu ainda não”. (P2)

Nesse relato, fica configurada a afirmação da literatura de que o beber dos pais é um indicativo tanto do início precoce, quanto do abuso de álcool pelos filhos (Alati et al., 2014). De acordo com Diehl e Figlie (2014), filhos de alcoolistas têm maior risco de desenvolver dependência química, no relato confirmado pelo uso de maconha e pela indicação de que “ainda não” foram necessárias drogas mais pesadas.

A transgeracionalidade refere-se à transferência dos padrões de relacionamento familiar que se manifestam de uma geração para outra. Essas transmissões geracionais podem sofrer modificações ou apenas se repetirem. Carter e McGoldrick (2011) afirmam que a constituição do ciclo de vida familiar sofre um constante processo de mudança e readaptações, influenciando e sendo influenciado pelas vivências familiares, com maior ou menor intensidade. Nesse sentido, na adolescência, a interferência do grupo de pares também é considerada como fator de risco, como fica claro no relato:

Se é os amigos que tão oferecendo, eu acho que iria experimentar. (P4)

Percebe-se o grupo de pares como fator de risco que pode contribuir para o uso e abuso de álcool (Natividade, Aguirre, Bizarro, & Hutz, 2012). No período da adolescência, os pais perdem espaço para o grupo de amigos como indica estudo de Mrug e McCay (2013), ao concluírem que o uso de álcool no início da adolescência pode ser reforçado pelos pares.

Contradições e ambivalências dos adolescentes no que se refere ao uso de álcool.

Na entrevista de dilemas, os participantes entraram em contradição demonstrando ambivalência quanto ao uso de álcool na adolescência. Ainda que ao

longo da entrevista semiestruturada preponderassem os conteúdos que indicam o receio e a opção por não utilizar bebida alcoólica, na entrevista de dilemas, quando perguntados sobre como pensam que um adolescente qualquer iria se comportar em uma festa em que lhe oferecessem bebida, parecem valorizar a experiência e apoio do grupo de pares em detrimento da história dos pais.

Ela talvez não tenha tanta noção quanto o pai, que já usou e utilizou e ache talvez normal de acordo que ela vê os amigos usando, não tenha problema. (P3)

Sobre como seria o aniversário de um adolescente, comentaram:

Ele deve ter convidado os amigos dele só, sem a família e eles devem provavelmente ter bebido e usado drogas. (P1)

Provavelmente um desses amigos, que é aquele amigo mais brincalhão vai trazer uma bebida talvez, pra ele experimentar. No caso se ele nunca experimentou nada, nessa historinha, talvez esse amigo dele diga 'Ah experimenta esse aqui, vamo lá se divertir, é a primeira vez, vai ser legal'. É isso que eu acho. (P4)

Vai lá toma uma cervejinha, né, enfim, faz outras coisas mais sociáveis, usam drogas que dá pra usar no meio social, né? (P2)

Ainda em situação que já envolvia embriaguez, a indicação foi:

Mandar ela beber água junto com a bebida que dá uma equilibrada, dá uma hidratada, que fica melhor, que aí ela não dá esses fiasco também. (P2)

A entrevista de dilemas permitiu verificar que a desejabilidade social deve ter norteado a entrevista semiestruturada na qual falavam deles através de um discurso mais elaborado que considerou a experiência dos pais quanto à dependência de substâncias. Porém, pela via da projeção, falando de um adolescente fictício, o medo de reconhecer suas fragilidades parece que deu lugar ao novo e à onipotência, características da fase da adolescência, trazendo fortemente a necessidade de diferenciação/individuação em relação aos pais, bem como indicando estratégias conhecidas sobre como lidar com o álcool. Esses resultados corroboram a literatura (Natividade et al., 2012) sobre a vulnerabilidade do período da adolescência, que inclui a procura por relacionamentos afetivos e sexuais, reconhecimento social, autonomia em relação aos pais e pressão do

grupo de iguais, podendo contribuir para a relação de uso e abuso de álcool, ficando evidente a perda de espaço dos pais e o questionamento do modelo familiar. Além disso, evidenciam também a necessidade de ir além do discurso pronto que os adolescentes podem apresentar, à primeira vista, sobre drogas, pois esse pode estar encobrindo justamente a vulnerabilidade que deve ser foco da intervenção psicológica.

Considerações Finais

Este artigo objetivou compreender a relação dos adolescentes com álcool em famílias com pelo menos um dos pais dependentes químicos, em abstinência. Os resultados indicaram que, apesar dos adolescentes terem conhecimento da história de uso de substâncias por parte de um ou mesmo ambos os pais e entenderem a importância da abstinência no processo de tratamento da dependência química deles, as características do período da adolescência estão fortemente presentes, levando ao questionamento/enfrentamento dos modelos familiares. Desse modo, apesar do conhecimento dos riscos aos quais estão expostos pelos fatores genéticos, sociais e transgeracionais, a necessidade inerente de experimentação, busca da individualidade e aceitação pelo grupo de pares faz com que desponte ambivalência quanto ao uso de álcool. Três dos entrevistados parecem ficar mais atentos aos riscos inerentes aos filhos de dependentes químicos, inclusive obtendo pontuações baixas no AUDIT-C, enquanto um deles demonstra acreditar na possibilidade de fazer uso de substâncias sem considerar e/ou desafiando a vivência dos pais, já evidenciando risco moderado e indicando um padrão abusivo de álcool no instrumento.

Constata-se que o ambiente familiar pode tanto influenciar quanto proteger o adolescente do uso de substâncias, dependendo do seu grau de (dis) funcionalidade. O uso de álcool por adolescentes preocupa, sendo que 50% dos alunos do 9º ano do ensino fundamental já experimentaram (IBGE, 2016), portanto o estudo demonstra relevância para entender se a abstinência dos pais dependentes químicos poderia interferir no uso dos filhos.

O estudo apresenta limitações condizentes com o método qualitativo, não permitindo generalizações. Não se pode considerar que os dados tenham sido saturados, pois houve desistência de alguns adolescentes em participar do estudo, indicando possíveis resistências pessoais ou familiares com a temática. Porém, os dados obtidos já contribuem para ampliar possibilidades de compreensão do fenômeno e servir de base para intervenções que abordem a ambivalência no adolescente frente à experimentação, apoiando ações preventivas que promovam a reflexão dos adolescentes sobre os riscos de repetição transgeracional do uso de substâncias.

Referências

- Alati, R., Baker, P., Betts, K. S., Connor, J. P., Little, K., Sanson, A., & Olsson, C. A. (2014). The role of parental alcohol use, parental discipline and antisocial behaviour on adolescent drinking trajectories. *Drug and alcohol dependence, 134*, 178-184. doi: <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2013.09.030>
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F., & Gomes, J. O. (2012). Intergeracionalidade familiar. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 16-26). São Paulo, SP: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (4a ed.). Lisboa, PT: Edições 70.
- Campos, C.J.G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem, 57*(5), 611-4. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>
- Cardoso, L.R.D., & Malbergier, A. (2014). Habilidades sociais e uso de drogas em adolescentes. *Pediatria Moderna, 50*(12), 570-575. Recuperado de http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=5997
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Cols.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a. ed, pp. 7-29) (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Coelho, L.R.M., & Oliveira, M.S. (2014). Avaliação dos comportamentos dependentes. *Aletheia, 43/44*, 248-251. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115039411019.pdf>
- Cortés, J.M. G., Méndez, M. G., & Aragón, S. R. (2015). Potencial resiliente en familias con adolescentes que consumen y no consumen alcohol. *Acta Colombiana de Psicología, 18*(2), 163-172. doi: <https://doi.org/10.14718/ACP.2015.18.2.14>
- Diehl, A., & Figlie, N.B. (2014). *Prevenção ao uso de álcool e drogas: o que cada um de nós pode e deve fazer? Um guia para pais, professores e profissionais que buscam um desenvolvimento saudável para crianças e adolescentes*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Donaldson, C. D., Handren, L. M., & Crano, W. D. (2016). The enduring impact of parent's monitoring, warmth, expectancies, and alcohol use on their children's future binge drinking and arrests: a longitudinal analysis. *Prevention Science, 17*(5), 606-614. doi: <https://doi.org/10.1007/s11121-016-0656-1>
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição e conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Favaro, F., & de Paula, S. R. (2012). Dependentes químicos: o perfil da abstinência de drogas. *J. Health Sci Inst, 30*(1), 41-43. Recuperado de https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/01_jan-mar/V30_n1_2011_p41-43.pdf

- Fernandes, S., Dolejal, B.A., Silva, D.C., Ferigolo, M., & Barros, H.M.T. (2015). Os benefícios obtidos com a parada do uso de drogas por usuários de um serviço de teleatendimento. *Aletheia*, 46, 66-73. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115048330006>
- Gil, A.C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As Origens do Pensamento Sistêmico: Das Partes para o Todo. *Pensando Famílias*, 18(2), 183-316. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *55,5% dos estudantes já consumiram bebida alcoólica e 9,0% experimentaram drogas ilícitas*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/9501-pense-2015-55-5-dos-estudantes-ja-consumiram-bebida-alcoolica-e-9-0-experimentaram-drogas-ilicitas>
- Krestan, J., & Bepko, C. M. S. W. (1995). Problemas de alcoolismo e o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. Mc Goldrick (Orgs.). *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 415-439). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- LaBrie, J. W., Boyle, S. C., & Napper, L. E. (2015). Alcohol abstinence or harm-reduction? Parental messages for college-bound light drinkers. *Addictive behaviors*, 46, 10-13. doi: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2015.02.019>
- Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M., & Caetano, R. (2007). *II Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira*. Recuperado de <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/93283>
- McLaughlin, A., Campbell, A., & McColgan, M. (2016). Adolescent Substance Use in the Context of the Family: A Qualitative Study of Young People's Views on Parent-Child Attachments, Parenting Style and Parental Substance Use. *Substance use & Misuse*, 51(14), 1846-1855. doi: <https://doi.org/10.1080/10826084.2016.1197941>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento* (J.A. Cunha, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, H.C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Moretti-Pires, R. O., & Corradi-Webster, C. M. (2011). Adaptação e validação do Alcohol Use Disorder Identification Test (AUDIT) para população ribeirinha do interior da Amazônia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(3), 497-509. Recuperado de <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2011.v27n3/497-509/pt>
- Mrug, S., & McCay, R. (2013). Parental and peer disapproval of alcohol use and its relationship to adolescent drinking: Age, gender, and racial differences. *Psychology of addictive behaviors*, 27(3), 604-614. doi: <https://doi.org/10.1037/a0031064>
- Natividade, J.C., Aguirre, R.C., Bizarro, L., & Hutz, C.S. (2012). Fatores de personalidade como preditores do consumo de álcool por estudantes universitários. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(6), 1091-1100. Recuperado de <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2012.v28n6/1091-1100/pt>

- Organização Mundial da Saúde. (2017). *World Health Statistics 2017*. Recuperado de <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/255336/1/9789241565486-eng.pdf?ua=1>
- Park, J.S., & Kim, T.H. (2009). Do types of organizational culture matter in nurse job satisfaction and turnover intention? *Leadership in Health Services*, 22(1), 20-38. doi: <https://doi.org/10.1108/17511870910928001>
- Payá, R. (2010). A dependência química na visão sistêmica. In R. Payá, *Intercâmbio das psicoterapias: abordagens e transtornos* (pp. 513-522). São Paulo, SP: Roca.
- Payá, R. (2017). *Intervenções familiares para o abuso e dependência de álcool e outras drogas*. Rio de Janeiro, RJ: Roca.
- Penso, M. A., & Costa, L. F. (2008). *A Transmissão geracional em diferentes contextos; da pesquisa e intervenção*. São Paulo, SP: Summus.
- Pereira, M. O., Silva, S. S., Oliveira, M. A. F., Vargas, D., Colvero, L. A, & Leal, B. M. M. L. (2011). A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas*, 7(3), 148-154. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v7i3p148-154>
- Prata, E.M.M., & Santos, M.A. (2009). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 315-322. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v11n3/09.pdf>
- Schenker, M., & Minayo, M.C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. Recuperado de <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2005.v10n3/707-717/pt>
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2017). Recuperado de <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sociedade-de-pediatria-lanca-guia-para-estimular-a-prevencao-ao-consumo-de-alcool-precoce-entre-os-adolescentes/>
- Vasters, G.P., & Pillon, S.C. (2011). O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(2). Recuperado de <https://www.redalyc.org/html/2814/281421955013/>